

CARTA DE RECIFE - "Privatizar os bancos públicos é privatizar o desenvolvimento"

Os desmontes do governo golpista de Michel Temer não têm limite. Esse governo, comprometido com o capital, remonta à intenção neoliberal de FHC de Estado mínimo e do resgate da era das privatizações, tendo como pressuposto a desnecessária existência de empresas públicas e sua entrega ao capital privado.

A Caixa Econômica Federal, o BNDES, o Banco do Brasil, o Banco da Amazônia (Basa) e o Banco do Nordeste (BNB), além de um conjunto de bancos estaduais, tais como Banrisul, Banpará e BRB, sempre tiveram um papel importante na história do desenvolvimento econômico, urbano, rural e social do Brasil. Difícil encontrar um cidadão que não tenha alguma relação com esses bancos, seja devido ao PIS, FGTS, casa própria, agricultura familiar, poupança, penhor, programas sociais. Isso só é possível porque a Caixa é 100% pública e tem forte papel social. Esse é o perfil do qual dos brasileiros não podem e não vão abrir mão.

O 12 de janeiro de 1861 é a data que marca o início da história da Caixa e de seu compromisso com a população, sobretudo com os setores mais carentes. O banco foi criado no Império, por Dom Pedro II, surgindo com o propósito de incentivar a poupança e conceder empréstimos de penhor. Era à Caixa que recorriam os escravos para guardar suas economias, até que conseguissem poupar dinheiro suficiente para comprarem suas cartas de alforria.

Em sua história, a Caixa presenciou transformações que marcaram o dia a dia do Brasil. Acompanhou mudanças de regimes políticos e participou do processo de urbanização e industrialização do país. Como resultado disso, consolidou-se como um banco público de grande porte, sólido e moderno, com atuação destacada na área de responsabilidade social. Mas, apesar de alguns percalços no decorrer dessa trajetória, nunca deixou de lado a sua característica original: ser a Caixa que serve aos cidadãos e ao país.

Houve, porém, uma época em que o cotidiano na empresa foi conduzido exclusivamente pela lógica do mercado e da competição privada. Foi entre os anos de 1995 e 2002. Nesse período, a Caixa e outros bancos públicos foram gradativamente preparados para tornar-se um espaço de obtenção de lucro para a iniciativa privada. Isso mudou a partir de 2003, quando essas instituições reassumiram funções que as tornaram imprescindíveis para o desenvolvimento e para a regulação do sistema financeiro.

Essa Caixa a serviço dos brasileiros está novamente ameaçada. O governo de Michel Temer deixa mais claro a cada dia os planos de privatizá-la. O primeiro passo é transformar o banco em Sociedade Anônima, decisão que afronta a Lei 13.303/16, aprovada pelo Congresso Nacional. Nas discussões sobre o PLS 555, que resultou na legislação, o movimento sindical e associativo conseguiu retirar essa mudança do projeto.

A Caixa não pode deixar de ser o banco da casa própria, do saneamento básico, da poupança, do Fies, do Bolsa Família e dos municípios. Isso só é possível com a manutenção do seu caráter 100% público. Às instituições privadas não interessam o papel social desempenhado por ela. Por isso, é fundamental que empregados e sociedade se unam na defesa da Caixa.

Defender a Caixa é defender o Brasil!

Defenda a Caixa você também!

Recife, 29 de outubro de 2017

Fórum Nacional de Reforma Urbana (FNUR)